

FALOCENTRISMO E BINARISMO DE GÊNERO NA PSICANÁLISE: CRÍTICAS E PROPOSTAS

Eduardo Pilotti Monaro (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Aline Sanches (Orientador). E-mail: asanches@uem.br.

História, Teorias e Sistemas em Psicologia

Palavras-chaves: Teoria psicanalítica; Diferença sexual; Gênero.

RESUMO

Desde seus primórdios, a psicanálise se estabeleceu como um campo de conhecimento voltado à análise da constituição de diferentes formas de subjetivação, oferecendo pistas para compreender a relação entre o desenvolvimento psíquico e a construção dos papéis de gênero na sociedade. Embora a teoria psicanalítica tenha explorado diversos caminhos para pensar a articulação entre gênero e sexualidade, parte significativa de suas formulações se organizou a partir de uma lógica excludente e normativa. Esta pesquisa teve como objetivo identificar os problemas decorrentes da presença do falocentrismo e da lógica binária na teoria psicanalítica, a partir das críticas realizadas por Monique Wittig e Paul B. Preciado, bem como investigar alternativas e propostas para tais impasses, com base nas obras de Patrícia Gherovici e Sofia Favero. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, com o objetivo de compreender os conceitos que compõem a trama conceitual presente tanto nas críticas quanto nas propostas direcionadas à psicanálise, a partir da leitura e do fichamento das obras selecionadas.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa examinou o debate estabelecido entre a psicanálise e os estudos feministas e *queer* acerca da diferença sexual, do falocentrismo e da lógica binária. Para isso, analisamos as obras de Monique Wittig e Paul B. Preciado, com o intuito de delinear suas críticas ao modo como o próprio campo psicanalítico construiu sua teoria, seu enquadre clínico e até mesmo suas instituições, de maneira demasiadamente obediente ao que esses pensadores denominaram “pensamento hétero” e “epistemologia da diferença sexual”. Tais formulações apontam para o fato de que a psicanálise, em grande medida, postulou a diferença sexual a partir de uma desavisada adesão a normas tácitas de gênero. Ademais, examinamos também as propostas de autoras como Sofia Favero e Patrícia Gherovici, que buscam repensar tal impasse. Isso porque uma psicanálise do século XXI não pode permanecer imune às transformações do laço social contemporâneo, muitas delas impulsionadas pela incidência de movimentos feministas, LGBTQ+, entre outros, sob o risco de se desconectar do horizonte da subjetividade de nossa época.

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar a presença do falocentrismo e da lógica binária na teoria psicanalítica, bem como investigar possíveis saídas para essa problemática. Para sua realização, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: i) indicar, a partir dos autores previamente selecionados, as críticas à teoria psicanalítica no que se refere ao falocentrismo e à lógica binária; ii) identificar alternativas aos impasses teóricos produzidos pelo falocentrismo; iii) apontar estratégias de enfrentamento do falocentrismo em sujeitos que não se enquadram na lógica binária.

REVISÃO DE LITERATURA

Para alcançar o objetivo proposto foram analisadas as obras “O Pensamento Hétero e Outros Textos” (1992), de Monique Wittig; “Manifesto Contrassexual” (2004), “Meu Apartamento em Urano” (2019), “Eu Sou o Monstro que Vos Fala, Relatório para uma Academia de Psicanalistas” (2020), de Paul Preciado, “Psicologia Suja” (2021) de Sofia Favero e Transgênero: Lacan e a diferença entre os sexos (2021) de Patrícia Gherovici - bem como alguns textos complementares que contribuíram para a discussão.

As obras selecionadas foram analisadas por meio de fichamentos, de maneira a organizar e explicitar as teses principais de cada autor e as relações entre os conceitos apresentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às críticas dirigidas à psicanálise quanto ao falocentrismo e à lógica binária, as primeiras teses identificadas na revisão de literatura remetem à obra de Monique Wittig. A autora sustenta que a psicanálise é produto daquilo que denomina “pensamento hétero”, compreendido como um regime político que inscreve nos corpos um conjunto arbitrário de regulações destinadas a assegurar a exploração material de um sexo pelo outro. Nesse sentido, esse princípio, bem como todas as teorias nele assentadas, funcionam econômica, simbólica, linguística ou politicamente sob a lógica do diferente/outro. Isto é, o “pensamento hétero”, base da psicanálise, opera por conceitos ontologizados, como a diferença sexual, cuja função é mascarar, em todos os níveis, os conflitos de interesse, inclusive os ideológicos, que inevitavelmente as relações normativas propiciam na sociedade hétero - o outro, o marcado como diferente; no caso, outro são as mulheres, os homossexuais, assim como as lésbicas, que são encarados sob essa lógica como partes substancializadas a serem subjugadas por aquele que é o universal, o “não diferente”: o homem heterossexual. Assim, se a função da diferença é ocultar todos esses níveis ideológicos, a psicanálise, a partir da invenção de seus conceitos, também seria responsável por encobrir tais níveis.

Em continuidade, foram analisadas as teses de Paul B. Preciado, que também articulam críticas à teoria psicanalítica. O que Wittig chamou de “pensamento hétero”, Preciado (2022a) denomina “epistemologia da diferença sexual”. Embora concorde que a psicanálise seja produto dessa epistemologia, o autor amplia a análise ao sustentar que ela não é apenas um resultado, mas parte constitutiva da

própria construção dessa epistemologia. Para Preciado, a epistemologia da diferença sexual não é externa à psicanálise, mas condição interna e imanente de toda teoria da sexualidade. Conceitos como inveja do pênis, complexo de castração e falo não fazem sentido se pensados fora das categorias dessa epistemologia. Diante disso, como indica Preciado (2022a), torna-se necessário que a teoria psicanalítica retorne a seus fundadores, não para reafirmá-los, mas para questionar e criticar seus pressupostos. Todas as elaborações discursivas da psicanálise - sobretudo aquelas que colocaram no centro da narrativa clínica a normalização da feminilidade e da masculinidade heterossexuais, bem como o desejo e a autoridade do pai - devem ser revisitadas a partir de uma leitura feminista e *queer*. O autor ressalta que uma teoria moldada pelos imperativos cis-heteronormativos continuará a produzir um resto, sistematicamente excluído dos acervos simbólicos e, por isso, relegado ao domínio do ininteligível e do abjeto.

Apesar desse panorama, os apontamentos elaborados pelo feminismo e pela teoria *queer* não devem funcionar apenas como uma denúncia dirigida ao campo psicanalítico. Na verdade, convocam a uma escolha ética: utilizar a psicanálise para sustentar e defender as formas atuais de existência e de organização social, orientadas pela epistemologia da diferença sexual; ou, em contrapartida, assumir o impossível como possibilidade, explorando o potencial do espaço analítico para a produção e legitimação de outras existências e de outros modos de viver juntos. Nesse sentido, pode-se realizar o exercício imaginativo de observar as teorias mobilizadas nesta pesquisa como “caminhões” – signo associado às *butchs* ou caminhoneiras, como a autora de “O pensamento hétero” menciona – vindos da sociedade lésbica de Wittig ou da sociedade contrassexual de Preciado, aportando no continente fálico da psicanálise. Tal travessia é capaz de condensar a possibilidade de as margens se tornarem lugar de circulação, de trânsito e não mais de segregação com limites bem estabelecidos. Essa chegada permitiria retomar o gesto inaugural de Freud, ao escutar a moral sexual civilizada de modo a expor seu caráter adoeecedor em uma sociedade que insiste na homogeneização das subjetividades e na patologização das diferenças.

Ao analisarmos os trabalhos de Sofia Favero e Patrícia Gherovici, podemos identificar propostas teóricas que podem oferecer elementos para tais mudanças. A partir disso, cunhamos, por analogia, a noção de *Psicanálise Suja*. O exercício dessa prática não deve depender do grau de fidelidade de um psicanalista a Freud, Ferenczi, Klein, Winnicott ou Lacan, mas, pelo contrário, de sua infidelidade, isto é, de sua criatividade para inventar caminhos que permitam escapar da “jaula” - como a metáfora de Preciado. É preciso, contudo, atentar para não recair, sob efeito da cisheteronormatividade, em uma prescrição que reifique a imagem do transexual ou do homossexual alegre e orgulhoso de si, como se essa posição devesse servir de exemplo a ser alcançado por outros. Tal prática apenas sustenta outro ideal normativo: o sucesso gay ou trans.

Uma *Psicanálise Suja* é aquela que mobiliza afetos mais próximos das experiências dos corpos que não se conformam às formas cisheterogenerizadas – afetos “sujos” como vergonha, trauma, fracasso, solidão ou escapismo. Enquanto uma *Psicanálise Limpa* se empenha em manter intactas as fronteiras entre “abjeção” e “humanidade”, a *Psicanálise Suja* questiona os signos da sociedade cisheteronormativa contemporânea. “Lutar pela sujeira é lutar pela vida” (Faveiro, 2021, p. 87) e falar sobre o sujo

é para que seja possível estabelecer diferenças em uma sociedade que se apresenta como una, mas que é, em verdade, efeito de tensões, contingências e histórias. Cabe, assim, desvelar suas potencialidades trans-formativas.

CONCLUSÕES

Portanto, a partir das obras de Monique Wittig, Paul B. Preciado, Sofia Favero e Patrícia Gherovici, emerge uma convocação para que a psicanálise, em sua totalidade, questione a sua própria visão de mundo, assim como as interpretações e representações subjetivas que sustentam suas teorias e práticas, ainda orientadas pelos desígnios simbólicos, materiais e históricos da cisheteronormatividade.

Os elementos apresentados nesta pesquisa abrem espaço para se pensar uma psicanálise para além da cisheteronorma, possibilidade que pode ser mais amplamente explorada em investigações futuras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a dedicada orientação da Profa. Dra. Aline Sanches e ao CNPq pelo incentivo a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

GHEROVICI, P. **Transgênero: Lacan e a diferença entre os sexos**. São Paulo: Aller, 2021.

PAUL, PRECIADO. B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

_____. **Manifesto contrassexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

_____. **Meu apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SOFIA, FAVERO. **Psicologia Suja**. Salvador: Devires. 2021

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. São Paulo: Autêntica, 2022